

O PREÇO DA PAZ

Livre do tráfico, Rocinha entra em crise econômica

EXTRA mostra como a pacificação mexeu com o dragão da inflação e com a comunidade da maior favela do Rio

Na noite de 12 de novembro, Ana Cláudia, de 36 anos, foi dormir com o coração cheio de esperança, como qualquer morador da Rocinha. Dois meses após a ocupação policial, ela tenta se equilibrar:

— O faturamento caiu pela metade, e pago mil reais de aluguel. Não pensei que a ocupação afetaria o movimento. Duas manicures deixaram o salão e dispensei a pessoa que trabalhava lá em casa.

O movimento a que ela se refere diminuiu por conta da proibição de bailes na comunidade, que ainda não têm data para voltar.

Para garantir o pagamento das contas, ela baixou os valores cobrados pelos serviços no salão. O preço da escova progressiva caiu de R\$ 100 para R\$ 75.

— Pensei em voltar para o asfalto, mas vou esperar. É uma fase de adaptação — acredita Ana Cláudia, que vai vender bijuteria e lingerie no salão Shalon, para elevar a receita do estabelecimento.

Os dias também são de incerteza para Rosângela Jesus Silva, de 48 anos. Dona do Isabella's Coiffeur, na Via Ápia, principal rua de comércio local, ela achava que a freguesia cresceria com a ocupação. Hoje, chora ao lembrar que há dias em que atende só uma pessoa. A média diária era de 30 clientes.

— Aos sábados, fechava à meia-noite. Essa semana, sai às 21h. Aos poucos, vejo o sonho acabar — diz, com lágrimas nos olhos.

Dona do salão há oito anos, ela procura alternativas.

— Já pensei em levar a loja para Rio das Pedras. Mas vou procurar um ponto na rua. Ficar no segundo andar pode estar atrapalhando — planeja a comerciante.

A crise não se restringe a salões de beleza, nem aos exageros do choque de ordem. Parte dos R\$ 10 milhões que o tráfico lucrava mensalmente circulava na favela. O dinheiro evaporou. E os moradores agora arcam com os custos da legalização, como o da TV a cabo.

Esperança que vem do Santa Marta

Para barbeiro, incerteza é passageira

■ Apesar de o momento ser de instabilidade para comerciantes da Rocinha, o exemplo de outra comunidade pacificada serve de alento. Há dez anos, Zé do Carmo, de 49, é dono de um salão de beleza no Santa Marta, o primeiro morro do Rio a receber uma UPP. Experiente, ele garante que as dificuldades são passageiras. O momento é de transição:

— Nos primeiros seis meses após a ocupação, tive

uma redução de 50% no movimento. Mas há uma mudança de clientela. Agora, não atendo somente pessoas da comunidade, mas também quem vem do asfalto.

Passada a sensação de insegurança, os preços mais baixos tornam-se o atrativo:

— O corte de cabelo que no asfalto custa R\$ 18 sai a R\$ 10 por aqui. E a nossa qualidade é a mesma — afirma Zé.

Lojistas fecham as portas

■ Moradora de Itaboraí, Vida de Oliveira Neves, de 47 anos, ouviu por cinco anos o primo dizer que ela deveria ter um negócio na Rocinha. Há oito meses, ela abriu uma lanchonete na Estrada da Gávea, alugou uma casa na comunidade e se mudou com o marido e os cinco filhos. Na semana passada, voltou para o interior e retomou a atividade como cabeleireira — trabalhando em casa, que é própria. A nova vida que ela esperava ter na Rocinha ficou no passado:

— Meu ponto era perto de um baile. Ficava aberto 24 horas e vendia dois mil salgados no fim de semana. Depois, caiu para 500. Parei para não me endividar.

No domingo, ela entregará as chaves da loja alugada por mil reais. A especulação imobiliária bateu à porta. Não teve como atender à exigência do dono do imóvel para renovar o contrato: pagar R\$ 30 mil de adiantamento:

— Sem movimento, como vou pagar esse valor? E ainda teria que formalizar meus oito funcionários.

Cerveja encalhada

Outro prestes a entregar as chaves e abandonar o negócio é o cearense Adalberto. À frente de um bar na Travessa Oliveira há dois anos, ele viu os clientes sumirem, as caixas de cerveja se acumularem e o faturamento mensal despencar de

R\$ 18 mil para R\$ 7 mil.

— Eu vendia 30 caixas de cerveja num fim de semana (R\$ 2.160). Agora, elas ficam aí por 15 dias. Além da queda nas vendas, pago R\$ 1.500 de aluguel. Pedi ao dono do imóvel para baixar o preço, mas não teve negociação. A saída é entregar as chaves e procurar um emprego — diz ele, que deve voltar a ser garçom.

Os recentes episódios de assaltos e roubos na comunidade — houve dois assassinatos na semana passada — contribuíram para Adalberto, que mora na Rocinha há 31 anos, desistir do sonho de ser seu próprio patrão:

— Fecho mais cedo para evitar prejuízo. Não dá para ficar me arriscando.

► CRÉDITO

O governo estadual vai oferecer, até o fim de março, um novo canal de crédito para ajudar no desenvolvimento da Rocinha e outras comunidades com UPPs. O projeto será comandado pela **InvesteRio**, que poderá chegar a emprestar R\$ 15 mil por microempresário. O dinheiro virá do Fundo UPP Empreendedor, cuja criação foi aprovada no fim de dezembro pela Alerj e será sancionada pelo governador Sérgio Cabral. O fundo permitirá a concessão de crédito para microempresas e empreendedores individuais, por exemplo, com taxas de juros a partir de 4% ao ano.